

ANÁLISE

07/2023

ÁSIA E INDO-PACÍFICO: IMPLICAÇÕES ESTRATÉGICAS



SETEMBRO DE 2023



EXÉRCITO BRASILEIRO
Braço Forte - Mão Amiga

A ANÁLISE

A PUBLICAÇÃO “ANÁLISE”, CONFORME O PRÓPRIO NOME INDICA, DESTINA-SE A ANALISAR EVENTOS CORRENTES OU SITUAÇÕES, A FIM DE CONTRIBUIR PARA O ENTENDIMENTO DA CONJUNTURA ATUAL.

TRATA-SE DE UMA PUBLICAÇÃO DO CENTRO DE ESTUDOS ESTRATÉGICOS DO EXÉRCITO (CEEEX) SEM PERIODICIDADE DEFINIDA, QUE OBJETIVA DAR VOZ AOS ANALISTAS DO CEEEX.

NESTA PUBLICAÇÃO, SERÃO ABORDADOS ASSUNTOS QUE CARACTERIZAM A ÁSIA CONTINENTAL E O INDO-PACÍFICO DE FORMA ESTRATÉGICA.

AS OPINIÕES EXPRESSAS NESTA PUBLICAÇÃO SÃO DE SEU AUTOR, NÃO REFLETEM, NECESSARIAMENTE AS DO CEEEX OU DO EXÉRCITO BRASILEIRO.

O AUTOR

SYLVIO PESSOA DA SILVA
CORONEL R/1

OFICIAL DO SERVIÇO DE INTENDÊNCIA DA RESERVA REMUNERADA DO EXÉRCITO BRASILEIRO (AMAN, 1990); MESTRE EM OPERAÇÕES MILITARES (ESAO, 1998) E MESTRE EM CIÊNCIA MILITARES (CEME, 2006). ESPECIALISTA EM LOGÍSTICA EMPRESARIAL – MBA, PELA FGV (2010) E PÓS-GRADUANDO EM RELAÇÕES INTERNACIONAIS, PELA UFRGS.



A 7ª SUBCHEFIA

No dia 18 de fevereiro de 2022, foi publicado, no Boletim de Exército, o despacho decisório do Comandante do Exército, reativando a 7ª Subchefia/EME.

Com a missão focada no futuro do EB, a 7ª Subchefia do Estado-Maior do Exército está constituída pelo Centro de Estudos Estratégicos do Exército e pelas Seções de Conceitos Futuros e de Gestão de Capacidades.

A reativação foi resultado de amplo estudo que começou, em 2019, com a criação da Seção “Exército do Futuro” na 3ª Subchefia/EME.



ÁSIA E INDO-PACÍFICO: implicações estratégicas

Esta análise visa a tratar da tensão na Ásia, normalmente, vista sob a ótica do Indo-pacífico. De forma mais abrangente, o momento asiático é resultado de um contexto histórico emergido no pós II Guerra Mundial. Assim, a primeira parte apresenta o assunto ao leitor. Na sequência, as considerações históricas resumem a linha do tempo que nos trouxe à atual conjuntura, trazendo referências, eminentemente, do período da Guerra Fria. O pós-Guerra Fria é o assunto da terceira seção, que nos conduzirá às três seguintes, onde estão abordadas as alterações de relevo ocorridas no continente, as implicações para o Ocidente e a geopolítica na região do Indo-pacífico, perímetro geográfico que extrapola a Ásia. Por fim, uma breve conclusão encerra este resumido trabalho.

1. INTRODUÇÃO

As alterações que estão ocorrendo no Planeta, transformando a Ásia no novo pivô do mundo, são um processo com origem há algumas décadas e envolve diversos países e regiões daquele continente. As mudanças acontecem nos campos político, econômico, tecnológico e militar, com alguns países se destacando, gerando novas capacidades e redirecionando os centros de poder no tabuleiro geopolítico.

Nesse contexto, as tensões no Indo-Pacífico¹ têm ganhado importância no cenário internacional, principalmente, nas análises do cenário internacional, assim como em documentos da Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN) e de seus países-membros. Todavia, essas inquietações fazem parte de um cenário de mudanças global, em meio à proposta de um multilateralismo e estão ocorrendo do Oriente Médio ao Sudeste Asiático, passando pela Ásia Central e pela Ásia Meridional, bem como pela Ásia Siberiana.

Essa nova reconfiguração do tabuleiro estratégico mundial desequilibra os atuais centros de poder, gerando reações, principalmente, dos Estados Unidos da América (EUA) e da Europa. Assim sendo, esta análise tem como objetivo chamar a atenção para a nova realidade que avança na Ásia, descortinando novos polos de poder, com destaque para a região do Indo-Pacífico.

2. CONSIDERAÇÕES HISTÓRICAS

Após a II Guerra Mundial, no contexto da Guerra Fria (GF), os EUA e a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS)² assumiram o protagonismo político mundial. Essa divisão de poder fez surgir a OTAN, o Pacto de Varsóvia

¹ O termo teria ganhado projeção por meio do ex-Primeiro Ministro do Japão Shinzo Abe, a partir de 2007, segundo o jornal *The Daily Guardian*, o que não impediu interpretações e contornos diversos pela inexistência de fronteiras que definam a região.

² Os dois países eram os únicos que detinham poder real para inserir os demais países em suas estratégias. O não alinhamento, ainda que marginal, foi uma opção.

e a Guerra Fria, período em que parcela dos países buscou se aproximar ou “gravitar em torno” de Moscou ou de Washington, com as respectivas políticas de expansionismo (ideológico ou territorial). Para o enfrentamento, a Casa Branca criou instrumentos de aproximação e de contenção. Na Ásia, em particular, cabe destacar a Organização do Tratado do Sudeste Asiático (OTASE) (1954) e a Organização do Tratado Central (CENTO) (1955), o último, composto por Irã, Iraque, Paquistão, Turquia e Reino Unido (RU).

Com essa finalidade, os EUA identificaram o Japão (desarmado) como o maior representante da “democracia liberal norte-americana” naquele continente, o que permitiu e favoreceu a reconstrução e o desenvolvimento econômico do país. No entanto, essas consequências foram sendo espraiadas para outros países a partir daquele polo de poder regional, por meio de uma industrialização baseada na hierarquia da cadeia de valor produtiva. Surgiram, então, os Tigres Asiáticos (Hong Kong, Coreia do Sul, Taiwan e Singapura), símbolo dessa dinâmica que continuou a se espalhar.

Esse *status quo* regional começaria a ser alterado com o fim da Guerra do Vietnã (Acordo de Paris) e pela reaproximação dos EUA com a China (1973). A nova visão para a região não desarticulou a capacidade japonesa, baseada na acumulação de capitais e na desvalorização da moeda (Iene). No entanto, o apoio norte-americanas para aquela economia foi alterado e o país passou por uma crise financeira nos anos 90, prolongada pela de 2008, de abrangência mundial. Esse panorama é uma das causas da estagnação econômica japonesa, que persiste por décadas, ainda que o país continue ranqueado entre as economias mais desenvolvidas.

Paralelamente à política norteamericana para a Ásia, outros países coordenaram vias alternativas. A Associação das Nações do Sudeste Asiático (ASEAN) é fruto da iniciativa da Tailândia, Indonésia, Malásia, Singapura e Filipinas em 1967³. A Organização do Tratado de Segurança Coletiva (OTSC) foi criada em 1992, por Rússia, Cazaquistão, Armênia, Quirguistão, Tadjiquistão e Uzbequistão. Em 2001, a Organização de Cooperação de Xangai (OCX)⁴ (figura1) tem sua gênese com a adesão da China ao Grupo dos Cinco (1996), formado pelo Cazaquistão, Quirguistão, Rússia, Tadjiquistão e Uzbequistão. Iniciativas que ganharam importância com o tempo.

O período iniciado com a Guerra Fria foi marcado pela volatilidade da política externa exercida por Washington. As relações não se configuraram de maneira permanente. As relações políticas dos EUA com a Índia, Paquistão, China, Japão, Vietnã e outros países do Oriente demonstraram essa visão diplomática não perene. Aparentemente, só Japão e Coreia do Sul ganharam *status* de aliados. Nesse quadro, poucos países conseguiram se posicionar de

³ Atualmente, a ASEAN é composta por 10 países, Brunei, Camboja, Filipinas, Indonésia, Laos, Malásia, Myanmar, Singapura, Tailândia e Vietnã.

⁴ A OCX foi fundada pela China, Cazaquistão, Quirguistão, Rússia, Tadjiquistão e Uzbequistão, e segue em processo de ampliação. Para outros detalhes, acesse <http://eng.sectso.org/>.

fato, como Não-Alinhados, a exemplo da Índia e da Indonésia, que buscaram relativa independência política até o fim da União Soviética (1991).

Figura 1: Estados membros da Organização de Cooperação de Xangai



Fonte: Geneva Internet Platform. Digital Watch⁵.

3. O PÓS-GUERRA FRIA

O atual momento se inicia com o fim da URSS e da Guerra Fria (1991), que coincidiu com as alterações político-econômicas iniciadas na China, a partir da segunda metade dos anos 1980, sob a gestão de Deng Xiao Ping. As novas medidas fizeram da China uma potência econômica, tecnológica e militar ao passar das décadas. Essas (r)evoluções no país promoveram-no à condição de principal polo de poder na Ásia e, em particular, no Sudeste Asiático.

Com o passar do tempo, a China robusteceu sua economia, desenvolveu uma indústria pujante baseada em baixos custos, gerou capacidade tecnológica e reservas de capitais para investir em várias partes do mundo, sobretudo, no contexto da Iniciativa Cinturão e Rota, anunciada em 2013, pelo presidente Xi

⁵ Disponível em <https://dig.watch/updates/key-points-from-the-sco-meeting-digital-transformation-at-focus>. Acesso em 30 Ago 2023.

Ji Ping, passando a rivalizar o Japão.

O fim da URSS fez surgir novos Estados na Ásia Central e “derrubou o muro” que existia na fronteira sino-soviética. Tajiquistão, Quirguistão, Cazaquistão, Uzbequistão e Turcomenistão passaram a ser influenciados, também, pela China. Por esta região, estendida até o Leste Europeu, a Eurásia readquiriu importância como fonte de recursos naturais e como importante rota logística (figura 2). Cavalos e camelos passaram a dividir a região com ferrovias e dutovias, um caminho alternativo ao comércio marítimo do Indo-Pacífico.

Figura 2: Ferrovia Yiwu West-Londres



Fonte: Silk Road Briefing⁶

No Oriente Médio estendido⁷, os EUA desenvolviam sua nova diplomacia. A Guerra ao Terror e outras ações geopolíticas fizeram parte do intervencionismo e do unilateralismo (apoiado na OTAN) que projetavam insegurança diplomática. Arábia Saudita, Irã, Iraque, Turquia, Líbano, Síria e Afeganistão tiveram suas políticas pressionadas por Washington. A região, grande fornecedora mundial

⁶ Disponível em <https://www.silkroadbriefing.com/news/2017/05/05/eurasian-economic-union-bring-china-eus-borders/>. Acesso em 21 Set 2023.

⁷ A designação do Oriente Médio como região é um termo criado por Alfred Mahan, mas que ficou indefinido geograficamente, gerando percepções particulares. Entende-se aqui, Oriente Médio estendido como sendo espaço que abrange o Afeganistão.

de petróleo e gás, ficou restrita aos interesses norte-americanos por um longo tempo. Mais para leste, os EUA se posicionaram com uma base no Uzbequistão e outra no aeroporto de Manas, no Quirguistão. Posições contestadas pela OCX (Rússia e China) e fechadas, respectivamente, em 2005 e 2014⁸.

Ao sul, os Estados do subcontinente indiano, independentes do Império Britânico a partir de 1947, fazem parte dessa nova reconfiguração estratégica. A Índia tem promovido alterações significativas na Ásia Meridional, tendo se tornado uma das maiores economias do mundo, bem como o país mais populoso (2023). Sua economia tem apresentado crescimento significativo há décadas, baseado na busca da industrialização autóctone. Esse processo inclui meios para a Defesa, ainda que mantenha a aproximação histórica com a Rússia e o posicionamento de país símbolo do Movimento dos Não-Alinhados.

No Oriente distante, a Península da Indochina (Laos, Camboja, Vietnã, Myanmar, Indonésia e Tailândia) e a Península Coreana passaram, paulatinamente, a fazerem parte da área de interesse chinesa. A situação não é diferente na região oriental do continente africano, com destaque para o Chifre da África, importante passagem de rotas comerciais. A presença chinesa está bem caracterizada pelos investimentos em infraestrutura e pelo desdobramento da primeira base naval⁹ do país além-mar, no Djibuti (2017). Da mesma forma, a Índia procura maior aproximação com países do Leste Africano, com destaque para a cooperação militar.

4. AS ALTERAÇÕES NA ÁSIA

As alterações na Ásia passam por dois momentos essencialmente. O primeiro refere-se ao fim da II Guerra Mundial, com a reconstrução e a contenção do poder militar do Japão, diante da expansão do comunismo e da Guerra Fria. O segundo, a partir da segunda metade dos anos 1970, passa pelo desenvolvimento econômico regional desconcentrado, pela estagnação da economia japonesa, pelo crescimento econômico da China e da Índia, pelo pós GF e pelo reemergência da Rússia.

Nesses períodos, além de crises e conflitos, o continente viu surgir potências econômicas e nucleares. Os Tigres Asiáticos, Japão, Índia etc construíram uma região que ampliou o comércio mundial e, sobremaneira, o asiático. Segundo o Asia Times (2023), “em 2021, economias asiáticas constituíam 39% do PIB nominal global, tornando-as o maior bloco continental. As exportações da Ásia perfizeram 36% das exportações globais, enquanto as cinco maiores economias

⁸ Segundo Visentini (2014) para “acessar o Afeganistão pelo norte (onde se encontrava a resistência)” era necessária “autorização dos Estados da Ásia Central para cruzar o território e estabelecer bases, o que envolvia negociações com a Rússia e a China”. Os dois países concordaram desde que os EUA reconhecessem os rebeldes chechenos e uigures como grupos terroristas, desfazendo a visão de “vítimas de repressão estatal”. Proposta aceita por Washington.

⁹ Pela importância do Estreito Bab-el-Mandeb, vários países construíram bases militares no Chifre da África. Para outros detalhes, acesse <https://www.mei.edu/publications/bab-el-mandeb-strait-regional-and-great-power-rivalries-shores-red-sea>.

asiáticas¹⁰ [...] foram responsáveis por 1/4 das importações mundiais.” A reportagem, ainda, destaca o papel do continente (3/4) no crescimento do PIB global, sendo a China e a Índia responsáveis por 1/2 do PIB global (tradução livre)¹¹.

Martins (2020, p.312) cita Jeffrey Sachs e Steven Radelet com a compilação de outros dados comparativos de interesse para este ensaio:

[...] em 1820, o Ocidente contava com pouco mais de 15% da população mundial e 25% da sua renda. Já em 1950, graças ao efeito das Revoluções Industriais, as nações do Ocidente detinham apenas 17% da população mundial, mas já concentravam 56% da renda. Atualmente, o Ocidente (União Europeia e América do Norte conjugados) correspondem a 33% da renda mundial e 18% de sua população. Enquanto as Economias da região Ásia-Pacífico contribuem para 44% da renda e 60% da população. Tomando-se somente o Leste Asiático (China, Japão e Coreia do Sul), afere-se que este já participa com 25% da renda mundial e apenas 21% da população. Deste modo, é forçoso concluir que, graças a sua inserção virtuosa na III Revolução Industrial (microeletrônica), a Ásia recupera progressivamente o papel que tinha na renda mundial antes das Revoluções Industriais.

Militarmente, Rússia, China, Índia, Paquistão e Coreia do Norte¹² ascenderam ao clube de potências nucleares desde o pós II Guerra e outros países, ainda, podem se inserir nesse grupo, como é o caso do Irã. No atual momento, o Japão revê suas capacidades militares e os impedimentos legais para voltar a ser um ator de importância bélica. As recentes transformações ocorridas, sobretudo, no âmbito das Forças Armadas Chinesas e a projeção do país no Mar do Japão e no Sudeste Asiático têm se traduzido em instabilidade regional e mundial, provocando reações dos EUA e de seus aliados. Em consequência, a Austrália¹³ tem buscado se armar também, haja vista a proximidade com a área de interesse chinesa.

Tecnologicamente, no passado, o Japão rompeu a barreira de produção da Terceira Revolução Industrial. O mundo atravessa 2023 com as principais cadeias produtivas do mundo dependentes, principalmente, da indústria baseada no Sudeste Asiático, na Índia, na China (incluindo Taiwan), na Coreia do Sul e no Japão. Nesse contexto, a nova Revolução Industrial está sendo impulsionada pela participação da Ásia, um protagonismo estratégico que se concentrava no Atlântico Norte por cinco séculos.

¹⁰ China, Hong Kong, Japão, Coreia do Sul, Singapura e Índia.

¹¹ *In 2021 Asian economies constituted 39% of global nominal GDP, making them the single largest continental bloc. Asian exports constituted 36% of global exports, while the five largest Asian economies together — China and Hong Kong, Japan, South Korea, Singapore and India — accounted for a quarter of all global imports. Asia today constitutes three-quarters, and China and India fully half, of global year-on-year GDP growth.*

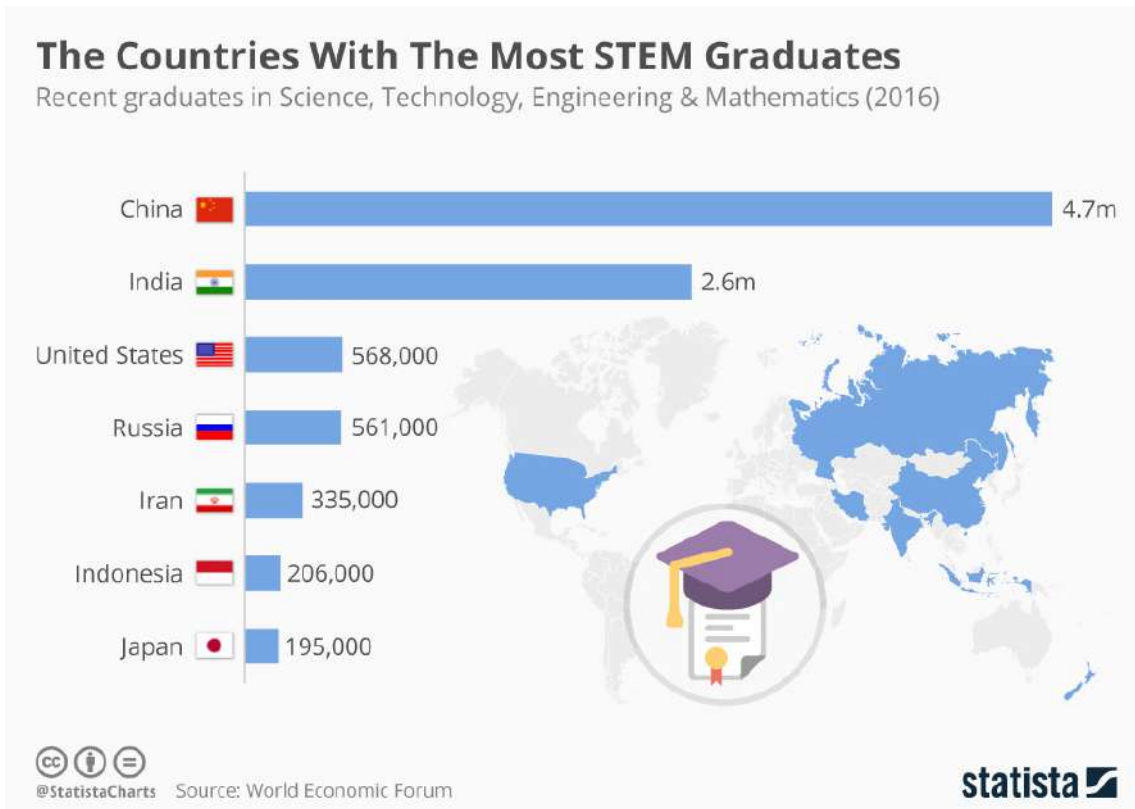
¹² O Estado de Israel não foi citado pelo alinhamento geopolítico com o Ocidente e pelas incertezas quanto ao programa nuclear do país.

¹³ Segundo o professor Paulo Visentini (2019), a Austrália é visto como os “Estados Unidos do Pacífico” pelos países da região.

Assim, percebe-se que os atrasos socioeconômico e científico-tecnológico têm sido ultrapassados por diversos países asiáticos, apresentando nova realidade estratégica, caracterizada pelo volume dos comércios regional e extrarregional, pelo acúmulo de reservas internacionais e pelo aumento do poder de paridade de compra (PPC). Dessa forma, ampliaram-se: a atração de capitais; a demanda por recursos naturais, energia e alimentos; e a produção de pesquisa e desenvolvimento. Um dos fatos mais recentes que se destaca, entre tantos, é o recente anúncio da China para disponibilizar o seu primeiro sistema operacional (fonte aberta) para computadores, desenvolvido no país. O segundo refere-se ao longo programa espacial indiano, tendo se tornado o quarto país a ter uma espaçonave pousando na Lua.

Esses fenômenos de longo prazo, apoiados em alterações regionais e mundiais, reposicionaram diversos países da Ásia no sistema internacional, nas últimas décadas, desafiando polos de poder do Atlântico Norte e o protagonismo anglo-saxônico de mais de 200 anos. A figura 3 mostra a concentração de graduados em ciências, tecnologia, engenharia e matemática, no continente, segundo dados de 2016.

Figura 3 - Países com o maior número de graduados no índice STEM (2016)



Fonte: Statista

Esses movimentos transformaram a Ásia, essencialmente por meio do Indo-pacífico, em um “ímã geopolítico” que atrai Estados latino-americanos inclusive. A Aliança do Pacífico (2011) é um exemplo dessa nova irradiação

de poder. Chile, Colômbia, México e Peru buscam integrar o fluxo de bens, serviços, pessoas e recursos, com ênfase no Indo-Pacífico. Os quatro países reúnem mais de 220 milhões de pessoas e possuem um produto interno bruto (PIB) médio per capto de cerca de U\$ 18,000.00.

5. IMPLICAÇÕES PARA O OCIDENTE

Conforme o contexto acima, a visão mundial voltada para o continente e a singular visão chinesa para o mundo permitem a concepção da *Belt and Road Initiative*, um empreendimento econômico planetário, baseado nos Cinco Princípios (constitucionais) da Coexistência Pacífica: respeito mútuo à soberania e à integridade territorial; não agressão mútua; não interferência nos assuntos internos um do outro; igualdade; e benefício recíproco e coexistência pacífica.

Aos poucos, a Ásia passou a ser uma região de grande importância para as economias norte-atlânticas devido à dependência de recursos naturais e à nova arquitetura das cadeias produtivas que se formaram. Em consequência, no continente: o comércio e os investimentos se multiplicaram; diversos países se inseriram na dinâmica capitalista ocidental e acumularam reservas cambiais; muitas pessoas passaram a uma condição socioeconômica melhor; e um complexo industrial moderno se estabeleceu por lá, permitindo o surgimento da nova indústria de material de defesa, suporte às forças armadas de países como a China, Coreia do Sul, Índia e Rússia.

Segundo Martins (2020, p.312), a postura do “balanceamento estrito”, por parte dos EUA, sobre a Federação Russa e as ações contra a China criaram um ambiente de grande instabilidade. Com relação ao primeiro, teria faltado um Plano Marshall com a devida aproximação política com Moscou. Ainda, a China adotou nova postura nas relações com os americanos após o bombardeio da embaixada chinesa em Belgrado (1999)¹⁴, abandonando a “relação dependente-associada aos EUA”, o que a permitiu “o anúncio do Pivô para a Ásia (2011)”.

Assim, um continente de civilizações milenares retoma posição de destaque no cenário internacional. Ainda que envolto em tensões internas, históricas e geográficas, o avanço em determinadas agendas tem sido significativo. Todavia, os EUA buscam encontrar brechas para restaurar sua estatura geopolítica ou para impedir a revolução político-socioeconômica oriental.

6. A GEOPOLÍTICA NO INDO-PACÍFICO

A tensão no Indo-pacífico é parte da disputa de poder que ocorre na Ásia e da contestação geopolítica em esfera mundial, podendo se tornar disruptiva diante do surgimento do asiacentrismo em detrimento do norteamericano.

¹⁴ Sobre o fato, as embaixadas, normalmente, são muito bem identificadas em qualquer planejamento militar, a fim de se evitar problemas diplomáticos de vulto com países não relacionados com o conflito diretamente.

Todavia, o continente não é uma plataforma geopolítica pacífica e homogênea, o que permite aos EUA encontrarem espaço para reafirmação hegemônica.

Apesar das desconfianças correntes entre os analistas, Rússia e China se aproximam com maior ênfase, desde 2001, por meio do Tratado de Boa Vizinhança, Amizade e Cooperação. A relação bilateral é essencial para que possam ser intermediados acordos e parcerias envolvendo Índia e Paquistão, Irã e Arábia Saudita, Síria e Turquia; para a integração do caminho eurasiático¹⁵ da Nova Rota da Seda, envolvendo as Ásia Central e Meridional; e para possível apoio em caso de conflito.

A reação norte-americana tem sido seguida por alguns países europeus, apesar da relativa interdependência com a China, como no caso da Alemanha. Em reação à ascensão da China, de sua postura mais assertiva no contexto regional e de sua aproximação com a Rússia, nos campos militar e energético principalmente, os EUA, além de sua aliança estratégica com a Coreia do Sul, se (re)aproximam, com maior ênfase, do Japão, da Austrália e da Índia. O primeiro país possui tensões históricas com a Rússia e a China. O segundo, com a China. O terceiro sente-se ameaçado pela nova postura chinesa e por questões fronteiriças. Certamente, há outros países envolvidos nesse “esquadrão” geopolítico, entre o dilema de contar com a segurança americana versus manter a parceria econômica chinesa.

Aproveitando as tensões e competições, os EUA promoveram a refundação do Diálogo de Segurança Quadrilateral – QUAD (2017) com a Austrália, Índia¹⁶ e Japão¹⁷, e divulgaram a criação da Aliança Militar AUKUS (2021), envolvendo o RU e a Austrália¹⁸. Seus documentos de mais alto nível político são pareados pelos da OTAN, indicando as “ameaças” russa e chinesa. Na última cúpula da OTAN, ficou clara a intenção de alongar a presença da Organização até o Extremo Oriente. O evento em Vilnius, Lituânia, contou com a presença de representantes da Austrália, Coreia do Sul, Japão e Nova Zelândia. Esses países são apontados como parceiros importantes para a segurança no Indo-Pacífico.

Outras medidas têm sido tomadas no campo econômico. Além da tentativa de um “isolamento comercial”, algo muito difícil pelos pilares estabelecidos pelo próprio Ocidente, EUA e alguns países europeus buscam diminuir a capacidade industrial chinesa e a produção científico-tecnológica. A proposta de embargo do acesso chinês a determinados chips exemplifica o tipo de sanção que pode afetar as duas áreas (econômica e científico-tecnológica).

Na esteira do quadro apresentado, o *US Army Pacific* está organizando a

¹⁵ Para Pautasso (2015), “A vilanização da Rússia volta-se a evitar a formação de um heartland baseado num eixo Berlim-Moscú-Pequim completamente fora do controle de Washington”.

¹⁶ A Índia tem sido identificada como um parceiro estratégico importante para França, Alemanha e União Europeia, bem como um ator relevante no multilateralismo asiático.

¹⁷ Apesar da invasão e da instalação de uma base naval nas ilhas de Adamã e Nicobar, a Índia não guarda restrição ou impedimento em participar do QUAD ou mesmo de enxergar o Japão como possível aliado contra a China.

¹⁸ A Austrália, definitivamente, se inseriu na AUKUS, no que se refere à segurança do Indo-Pacífico, ao encomendar submarinos de propulsão nuclear, construídos pelos EUA, com a participação do RU.

Indo-Pacific Armies Chiefs Conference, a ser realizada em 27 de setembro, na Índia, para o qual o Exército Brasileiro foi convidado. No encontro, estão previstas as presenças dos Comandantes (ou representantes) dos Exércitos dos seguintes países:

Arábia Saudita	Austrália	Bangladesh	Canadá
Chile	Coreia do Sul	Egito	Filipinas
Malásia	Mongólia	Nigéria	Nova Zelândia
Omã	Quênia	Reino Unido	Singapura
Tailândia	Tanzânia	Timor Leste	Vietnã

Por outro lado, diante da ascensão da China, o Partido Comunista Chinês tem seu posicionamento definido quanto à reconstituição de um só país, enquanto dois sistemas. Taiwan é o objetivo político mais simbólico para a política da República Popular da China. Restaurar a unidade territorial representará poder diante do grande opositor político, os Estados Unidos.

Por fim, Índia, China e Rússia são membros do BRICS, grupo de países que se expande no Sul Global, o que alguns analistas consideram uma ameaça à ordem mundial do pós II GM. Ainda, a Índia é candidata a uma cadeira em possível reformulação do Conselho de Segurança da Organização das Nações Unidas (CS/ONU), enquanto China e Rússia já possuem seus assentos. Essa questão, em particular, dificulta a regência da ONU no intuito de intervir nas disputas envolvendo os membros efetivos. Dos cinco membros permanentes, EUA, RU, China e Rússia parecem estar, diretamente envolvidos nessa inclinação mundial para Leste, enquanto a França parece aguardar maiores desdobramentos.

7. CONCLUSÃO

A proposta dessa Análise foi inserir os leitores no cenário do novo ciclo histórico da Ásia, muito mais amplo e complexo do que as ocorrências no Indo-Pacífico. Um cenário lentamente construído que lançou o continente na expectativa de se tornar o grande pivô mundial no século XXI, gravitando no “cinocentrismo”. A grande questão é se a regionalização asiática, que se apresenta de forma fragmentada até o momento, será revertida mesmo diante de todo o esforço empreendido pelos Estados Unidos e por seus aliados.

O Brasil, apesar da geografia, se insere naquele continente pelo comércio e pela política. Outras parcerias, no entanto, não podem ser descartadas e a aproximação com todas as partes é importante devido a dimensão e relevância do Brasil, bem como de seus interesses. Qualquer Estado que deseja se projetar além do regionalismo deve pensar nas suas relações com a Ásia. De qualquer maneira, a erupção de uma fricção de maior intensidade Ásia trará consequências para todo o Planeta.

Assim sendo, a presença do Exército Brasileiro naquele continente, por meio da diplomacia militar, é mais uma oportunidade para o Brasil estreitar laços de amizade com outros países, ratificar sua postura diplomática para o mundo, posicionar seus interesses e promover parcerias de interesse da Força.

BIBLIOGRAFIA

Alianza Del Pacifico. Disponível em <https://alianzapacifico.net/en/what-is-the-pacific-alliance/>. Acesso em 14 Jul 2023.

China releases its first open-source computer operating system. Disponível em <https://www.reuters.com/technology/china-releases-its-first-open-source-computer-operating-system-2023-07-06/>. Acesso em 8 Jul 2023.

Democracy Now. **Stephen Wertheim: The West Cannot Ignore Role NATO Expansion Played in Russia's Invasion of Ukraine.** Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=yWvJ-WmHbkg>. Acesso em 19 Jul 2023.

MARTINS, José Miguel Quedi. **Lições Estratégicas da II Guerra Mundial, 75 anos depois.** Análise Estratégica NERINT. Austral: Revista Brasileira de Estratégia e Relações Internacionais, v.9, n.18, Jul./Dez. 2020.

MULDER, Nicholas. **Asia's economic heft keeps Russia's economy afloat.** Asia Times. Disponível em: <https://asiatimes.com/2023/06/asias-economic-heft-keeps-russias-economy-afloat/>. Acesso em 17 JUL 2023.

PADILHA, Luiz. Defesa Aérea e Naval. **Expansão Estratégica do Brasil no Indo-Pacífico.** Disponível em <https://www.defesaaereanaval.com.br/geopolitica/expansao-estrategica-do-brasil-no-indo-pacifico>. Acesso em 12 Jul 2023.

PAUTASSO, Diego. Revista do Instituto Humanitas Unisinos. **Contenção da Rússia, ontem e hoje.** <https://www.ihuonline.unisinos.br/artigo/6228-critica-internacional-curso-ri-da-unisinos-diego-pautasso>. ed. 476 | 03 Nov 2015. Acesso em 12 Jul 2023.

THE DAILY GUARDIAN. **INDO-PACIFIC AND INDIA: WHAT IS THE WAY FORWARD?** <https://theguardian.com/indo-pacific-and-india-what-is-the-way-forward/>. Acesso em 19 Jul 2023.

Disponível em <http://eng.sectesco.org/>**The Shangai Cooperation Organization.** Acesso em 17 Jul 2023.

VEJA. Índia faz lançamento histórico de espaçonave com destino à Lua. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/mundo/india-faz-lancamento-historico-de-espaconave-com-destino-a-lua/>. Acesso em 14 Jul 2023

VISENTINI, Paulo. **Eixos do Poder Mundial no Século XXI: uma proposta analítica.** Austral: Revista Brasileira de Estratégia e Relações Internacionais, v.8, n.15, Jan./Jun. 2019 | p.9-25.

VISENTINI, Paulo. **O GRANDE ORIENTE MÉDIO.** Ed Elsevier/Campus, Rio de Janeiro, 2014.

Goog Times Bad Times. **Russia, Iran and India Want to Bypass the Suez Canal Via the Persian Corridor 2.0.** Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=DOcD1N7LynI>. Acesso em 18 Jul 2023.



Quartel -General do Exército,
Bloco A, 70630-970, Brasília-DF.
(61) 3415-4638 - ceeex@eme.eb.mil.br
Site: www.ceeex.eb.mil.br